

11193 - Disputas entre vertentes propositivas do novo desenvolvimento

Disputes among propositional sides of the new development

LIMA, Ronaldo Guedes de¹

1 Instituto Federal do Paraná, ronaldo.lima@ifpr.edu.br

Resumo: O texto pretende incentivar a discussão analítica e teórica das propositivas alternativas de desenvolvimento. Essas vertentes alternativas propõem novos rumos de desenvolvimento. Entretanto, os meios para se atingir o novo não nascem da mesma base de compreensão da realidade. Apesar de haver o entrecruzamento de algumas ideias, detecta-se, na essência das vertentes teóricas, posições distintas entre elas. Há posições idealistas e realistas. Essa heterogeneidade teórica enriquece a construção do novo. O exercício da comunicação (pró-pluralidade) deve ser incentivado entre os pressupostos em disputas. Nesse aspecto, é interessante que se preserve as disputas sem o aniquilamento de uma ou de outra posição.

Palavras-chave: vertentes teóricas, pluralidade, alternativas, desenvolvimento.

Abstract: *The text aims to encourage analytical and theoretical discussion of the development alternative propositions. These alternative sides propose new development courses. However, the means to reach the new are not born on the same basis of reality comprehension. Despite some ideas crossing, distinct positions are detected among the essence of the theoretical sides. There are idealistic and realistic positions. This theoretical heterogeneity enriches the construction of the new. The exercise of communication (pro-plurality) must be encouraged among the assumptions in disputes. In this regard, it is interesting to preserve the disputes without the annihilation of one or another position.*

Key words: *theoretical sides, plurality, alternatives, development.*

Introdução

Para se tratar da crise do desenvolvimento tecnoeconômico¹ predominante, opta-se pelas referências (as construções paradigmáticas emergentes) em disputas, e que se alinham aos projetos mais ou menos afins ou que se identificam com a busca da emancipação social dos indivíduos. Os questionamentos e as proposições alternativas emergentes pressupõem, acima de tudo, uma nova relação paradigmática não somente entre a sociedade e as forças econômicas, mas também com a atualíssima e vital preocupação com a conservação dos recursos da natureza.

A pluralidade de ideias emergentes, umas mais idealistas, outras realistas² têm atribuído

¹ A expressão é de E. Morin (2002b).

² O realismo aqui trabalhado segue o preceito básico do pensamento complexo de Morin (2002b): aceitar e recusar a realidade das coisas. Não se trata de desprezar o idealismo utópico, mas de inspirar-se nele para agir, para fazer. Dito de outro modo, trata-se de respeitar a realidade das coisas, mas sem a condescendência de todos os acontecimentos, dos fatos reais. Realismo e idealismo não se opõem inteiramente. A idéia de Morin (2002b) é que reintegramos no real, a utopia.

os problemas de nosso tempo à razão e à subjetivação na ciência e nos poderes institucionais, de impelirem ideologias universais centradas na constituição de valores materiais e nos postulados baseados na ordem mecânica da vida social. Em termos atuais, Touraine (1998) assinala que a ideia (dominante) da sociedade moderna se define pela dualidade entre a ordem racionalista e o individualismo moral. A racionalização foi fundada pela aliança que houve na era renascentista entre a ciência e a arte. O individualismo firmou-se a partir da ruptura da cosmologia religiosa, observa Touraine.

Este texto não objetiva eleger um determinado pressuposto como verdadeiro. Pretende instigar a discussão paradigmática em torno da interpretação/compreensão das vertentes teóricas postos no meio acadêmico e nos projetos institucionais de alguns estados.

Ideias em construção

Entre as referências teóricas citadas por autores-chave da economia ecológica (MARTÍNEZ ALIER, 1998) e do projeto ecoprodutivo (LEFF, 2001), encontra-se a crítica sócio-científica de Nicholas Georgescu-Roegen aos fundamentos da racionalidade econômica dominante. Os fundamentos essencialmente econômicos aniquilam as condições ecológicas e culturais devido ao fato de haver o incremento do fluxo de matéria e energia (a entropia) nos processos produtivos. A alta entropia nas transformações produtivas e energéticas, quando acelerada pela expansão descomedida do produtivismo moderno, pode causar o definhamento ou mesmo a morte entrópica da vida ecossistêmica, alertam os críticos acima. Morte ou degradação entrópica do planeta está ligada à crescente desorganização ou ao elevado grau de desordem do fluxo termodinâmico.

Aparentemente, as contestações mais radicais do paradigma econômico dominante provêm dos adeptos da economia ecológica ou da vertente ecomarxista. Esses críticos questionam a lógica econômica e degradante da produção e da reverência aos valores consumistas na modernidade, e tentam polemizar a ordem econômica prevalecente às condições ou às leis da natureza. Refutam ainda, da ideia criada no meio social de destacar, por primeiro, o crescimento constante da produção e das convicções excessivamente conferidas ao desenvolvimento tecnológico, tal como se difundiu na vertente produtivista (exógena), do Pós-Guerra. Os diversos problemas derivados dessa vertente, em escala geral, repercutiram no meio político, institucional e científico, fazendo emergir discussões e proposições de “desenvolvimento alternativo”³, como se viu nas interpretações contidas no relatório “Nosso Futuro Comum”, em 1987 (Comissão ..., 1991).

Entre as construções teóricas alternativas, observa-se as proposições, de um lado, a necessidade de se frear a lógica econômica atual, e de outro, a reconstituição do sistema por meio de uma nova teoria da produção. O leque, que reúne tendências radicais e realistas, opõe-se ao projeto que advoga a elevação exponencial dos processos econômico-produtivos como mecanismo de eliminação da pobreza planetária. Para os

³ Ainda que se identifique a ideia de crescimento econômico na proposta de “desenvolvimento sustentável”, constata-se um avanço importante ao discutir sobre a necessidade de impor limites à produção. Ao contrário dessa proposta oficial (ecotecnocrática, conforme a interpretação de Alonso Mielgo e Sevilla Guzmán, 1995) “as propostas de alternativas ao desenvolvimento radicalizam a crítica à noção de crescimento (...)” (Sousa Santos, 2005, p. 54).

radicais, o mais sensato é repartir a riqueza material existente, ao invés de propor o crescimento ilimitado. Já os realistas, ligados, por exemplo, aos projetos ecoprodutivo (pressupostos de Enrique Leff) e ecodesenvolvimentista (pressupostos de Ignacy Sachs, 2002) pregam a distribuição da riqueza e renda pelo enfrentamento/confronto no campo da democratização (descentralização) do poder e da produção.

Nesse sentido, Touraine (1998) idealiza o estabelecimento de um tipo de democracia social, onde se possa ver triunfar a justiça, o acesso dos sujeitos à ação, à influência e ao poder político. Essa tal democracia, no entanto, deve aparecer e estar ligada necessariamente à formação dos movimentos sociais, como possíveis protagonistas capazes de modificar uma realidade, ou então procurar reforçar as condições sobre uma dada forma de atividade como tem sido, por exemplo, os apelos pela procura da autonomia⁴.

Particularmente, a ciência da complexidade, nos dias de hoje, busca aprimorar a análise que percebe a coexistência, no cotidiano da vida, da relação entre ordem e desordem, duas lógicas ou processos que se nutrem e competem entre si. Elas se opõem, mas também se ligam. Complementaridade, antagonismo e incerteza são processos simultâneos da relação ordem/desordem e estão presentes em todos os sistemas, inclusive, na formação societária (MORIN, 2002a).

É desse jogo dialógico, entre ordem/desordem, que tal relação traz a marca da indeterminação, de noções mediadoras a partir de interações, transformações e organização, das idéias de irreversibilidade temporal e de dialética dos fenômenos. Provavelmente, a rica contribuição do pensamento dialético de E. Morin (2002b) esteja na sua compreensão de ambivalência, movimento, cooperação e complexidade nos sistemas sociais e naturais. Ele próprio busca inspiração nas referências teóricas da dialética marxista. Com criticidade à ortodoxia marxista, Morin (2002b) retorna à dialética do devir histórico, ao reconhecer no novo método⁵ a multidimensionalidade das realidades, ao reconhecer que no jogo da vida há trocas contínuas (interações e retroações), desequilíbrios, conflitos permanentes e contradições.

É a compreensão de que o desenvolvimento sócio-histórico não pára, de que as contradições renascem e que é preciso superá-las pela dialética da vida, ao invés de suprimi-las por uma falsa práxis, como fora inflado pelos dialéticos da era stalinista revolucionária. Os esforços são para o restabelecimento (ou o estabelecimento) do diálogo dos contrários. A dialética contemporânea não busca suprimir os polos antagônicos. A intercomunicação dos contrários é que dá o efetivo movimento histórico das sociedades e não o enrijecimento de manifestações dogmáticas como a dos dialéticos, que inflavam a supressão da oposição (ou seja, ignoravam o papel positivo da negação), observa Morin (2002b).

A dialética de Morin (2002b) é um sistema de referência que busca a solução das ambiguidades, por meio da dialógica dos opostos, ou da práxis que põe em confronto as posições contrárias. Esse quadro mental, portanto, compreende a natureza do

⁴ Entre os propositores que defendem uma vida melhor às pessoas à base de efetiva independência social, econômica e política, destacam-se na sociologia internacional as interpretações ecossocialistas de Boaventura de Sousa Santos, em muitas de suas publicações (Sousa Santos, 2001, 2005).

⁵ Esse é o termo preferido do autor.

desenvolvimento histórico, a partir do confronto necessário dos polos antagônicos das chamadas contradições, mas em movimentos “necessários” pela superação destas. Em outros termos, a dialética questiona o presente em nome do futuro e busca apreender as relações recíprocas de oposição e complementaridade entre o pensamento e o vivido, entre o todo e as partes, entre a ordem e a desordem, entre o mundo natural e o mundo social, entre as outras tantas relações.

Todas as coisas que nos cercam e nomeamos de realidade devem ser pensadas e concebidas de forma organizacional e complexa. As relações complexas, que se verificam em qualquer sistema, trazem em si a ideia de harmonia e síntese, de dissonância e antagonismo. A organização viva não pode ser concebida sem o seu oposto, o movimento que desorganiza também serve para transformar (MORIN, 2002a).

Finais

A análise resultante deste exercício teórico em construção vem demonstrando que há entrecruzamentos de ideias entre as propositivas alternativas. Todas as propositivas formulam a crítica, questionam os processos iníquos e ecologicamente insustentáveis e as mazelas de nosso tempo, em escala global. Porém, se observa que a proposta da economia ecológica é composta por elementos analíticos que se encaixam com o idealismo, com a ruptura social e econômica do atual sistema injusto. As bases do idealismo (na economia ecológica) se sustentam nos conteúdos críticos de K. Marx e na demonstração da Física que prevê o desgaste energético nos processos econômicos.

De fato, a economia ecológica considera sério esse pressuposto e recomenda que se estabilize ou decresça o desenvolvimento dos processos produtivos na sociedade contemporânea. Esse pressuposto é avesso às interpretações ecotecnocráticas do desenvolvimento sustentável e ao modelo estrutural de desenvolvimento difundido pela teoria da modernização, antes nomeado de modelo tecnoeconômico, conforme atribuiu E. Morin.

Essa reflexão de fundo evidencia, como se viu entre as propositivas alternativas, não serem totalmente opostas uma das outras. Todas elas podem iluminar, no plano teórico, construções de novos paradigmas na sociedade e, em particular, planos e projetos de desenvolvimento rural, seja na criação da perspectiva teórica da territorialidade, seja na perspectiva da interdisciplinaridade anunciada na Agroecologia.

A real conjugação (necessária) das propostas alternativas ainda não se instalou. As propostas, evidentemente, não são homogêneas, nem por isso se deve negligenciar ou considerar impossível a criação de mecanismos pró-comunicação entre os pressupostos em disputas nem se cogitar à eliminação de algum desses.

Por fim, sabe-se que as ideias em disputas não se resumem às supracitadas. Outras podem ser bastante úteis à construção do novo desenvolvimento.

Bibliografia

ALONSO MIELGO, Antonio M.; SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. El discurso ecotecnocrático de la sostenibilidad. In: CADENAS MARÍN, A. (Ed.) **Agricultura y desarrollo sostenible**. Madrid: MAPA, 1995, p. 93 - 119 (Serie estudios, 97).

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991, p. XI - XVII, 01 - 161.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 09 - 166.

MARTÍNEZ ALIER, Joan. **Da economia ecológica ao ecologismo popular**. Tradução de Armando de Melo Lisboa. Blumenau: Ed. da FURB, 1998. 402p. (Sociedade e ambiente).

MORIN, Edgar. **Em busca dos fundamentos perdidos**: textos sobre o marxismo. Tradução de Maria Lúcia Rodrigues e Salma Tannus. Porto Alegre: Sulina, 2002b. 128p.

MORIN, Edgar. **O método 1**: a natureza da natureza. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2002a, p. 122 - 194.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 95p.

SOUSA SANTOS, Boaventura de (Org.) **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 17 - 49, 135 - 157, 281 - 348.

TOURAINE, Alain. **Igualdade e diversidade**: o sujeito democrático. Tradução de Modesto Florenzano. Bauru: Ed. da EDUSC, 1998. 109p. (Coleção Humus).